

Pimentas podem combater o Alzheimer

Bióloga Fúvia de Oliveira Biazotto realiza estudo na Esalq sobre uso do condimento como arma contra a doença

Gabriela Garcia
gabriela.garcia@jornal.com.br

O uso da pimenta como tratamento do Alzheimer. Este é o tema de uma pesquisa em andamento na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), que tem o ob-

Objetivo é verificar se quatro tipos de pimenta têm o mesmo princípio de medicamentos sintéticos

jetivo de verificar se quatro tipos de pimenta têm o mesmo princípio de ação que os medicamentos sintéticos voltados para o tratamento da doença. O estudo é te-

ma de dissertação da bióloga Fúvia de Oliveira Biazotto, pós-graduanda em Ciência e Tecnologia de Alimentos da Esalq.

Fúvia explicou que o estudo ainda está fase inicial e já foram realizados testes "in vitro" com três tipos de pimenta do reino (preta, branca e verde) e pimenta rosa. "Esta primeira etapa tinha o objetivo de verificar se as pimentas tinham ação sobre a enzima acetilcolinesterase, presente em maior grau em pessoas com Alzheimer. Esta enzima é responsável por degradar a acetilcolina, um neurotransmissor envolvido na retenção de memória e aprendizagem", disse a bióloga.

Entre as pimentas utilizadas na pesquisa, a rosa foi a que mais

se destacou. Entre as pimentas do reino, a preta apresentou o melhor resultado. "Os medicamentos têm uma taxa de inibição de quase 100% sobre a enzima. Com as pimentas, conseguimos atingir uma taxa de 80% a 90%", afirmou. "Precisamos refinar mais as pimentas para chegar ao nível dos medicamentos". Para a descoberta de novos compostos ou alimentos com potencial para reduzir o risco de incidência de Alzheimer, o primeiro passo a ser dado é a avaliação do seu desempenho em análises "in vitro".

Fúvia explica que a ideia é que a pessoa consuma as substâncias presentes na pimenta a fim de inibir a ação da acetilcolinesterase. "Ainda não podemos afirmar que ao ingerir a pimenta, as substâncias chegarão no cérebro da pessoa e terão esta ação inibidora.

Para sabermos isso, é preciso realizar estudos em animais e humanos. Mas a pesquisa até agora tem este potencial e pretendemos avançar neste sentido", disse.

A bióloga explicou ainda que os medicamentos existentes, inibidores de acetilcolinesterase, além de terem custo elevado e apresentarem efeitos colaterais, não previnem ou curam a doença. "Eles apenas tratam a perda cognitiva sem atrasar ou modificar a progressão da enfermidade. Em alguns casos, os medicamentos só funcionam por limitado período de tempo e, para alguns pacientes, não oferecem alívio nenhum", afirmou. Ainda de acordo com a autora do estudo, diversas pesquisas vêm demonstrando que dietas ricas em alimentos antioxidantes podem reduzir a incidência da doença de



Estudo foi realizado com três tipos de pimenta do reino e rosa

Alzheimer ao impedir e neutralizar os efeitos danosos dos radicais livres. "Além disso, esses alimentos podem atuar como um aliado no combate à progressão da doença", explicou.